



Cinema São Luiz e seu público no Recife-Brasil: sociabilidade e padrões civilizatórios na segunda metade do século XX.¹

Joana Claude²

Vera Borges de Sá³

Resumo:

Objetiva compreender o significado social e histórico do cinema São Luiz do Recife, considerado o mais luxuoso do Brasil, quando criado em 06 de setembro de 1952, para indivíduos que o frequentaram durante várias décadas. Parte do conceito de sociabilidade de Simmel, e da abordagem sobre o processo civilizador de Norberto Elias, onde a cultura dos costumes urbanos individuais se associa com o desenvolvimento do Estado-nação em seu vasto projeto civilizatório. Metodologicamente utilizamos a entrevista estruturada como principal fonte primária. A entrevista foi aplicada a um público de cinco diferentes gerações que costumavam ver os filmes: anos 50, 60, 70, 80 e 90. Foram vinte entrevistas coletadas para este trabalho até o momento. As fontes secundárias estão centradas nos jornais da época e em documentação sobre o cinema São Luiz, existente nos institutos de cultura da cidade. A análise dos dados mostra que a história do cinema aqui tratada, vincula-se a um roteiro de lazer e momentos de encontro, praticados pelo público depois das sessões, onde se observa também a imposição da moda, das vestimentas, como simbolismo dessa nova integração. As sociabilidades relatadas nas primeiras décadas do São Luiz, revelam adesão a convenções de comportamento, por parte dos indivíduos que ali o frequentavam, a estilos de vida de classes sociais privilegiadas.

Palavras-chave: cinema São Luiz; Recife; sociabilidade urbana; costumes; civilização.

1. Introdução

O cinema São Luiz do Recife foi inaugurado pelo cearense e conhecido empresário de cinemas, Luiz Severiano Ribeiro, no dia 06 de setembro de 1952. Este industrial, então já presidente do Grupo Severiano Ribeiro, à época residente com sua família no Rio de Janeiro, chegou ao Recife um dia antes do evento, acompanhado por amigos de São Paulo e desse Estado, para pessoalmente inaugurar o grandioso cinema.

Considerado o cinema mais luxuoso do país, foi produto de um caro investimento, orçado em 16 milhões de cruzeiros, moeda corrente da época. A infraestrutura do cinema dispunha de 1400 poltronas, os assentos eram de espuma de borracha, além de tecnologia avançada da aparelhagem de ar condicionado.

No dia da inauguração marcada para sessão especial às 21 horas, os ingressos foram vendidos a um preço mais caro, 50 cruzeiros, pois a renda deveria ser revertida em benefício de uma Campanha do Pró-Infância de Pernambuco. Porém, no dia seguinte – um domingo- o cinema foi entregue ao público com o preço normal de 10 cruzeiros, em sessões contínuas que se iniciaram das 9 até às 24 horas.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, Grupo de Pesquisa sobre Cinema, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 2º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, email: joana

³ Orientadora do Trabalho. Professora de Sociologia do Curso de Jornalismo da UNICAP, email: verab63@gmail.com



Jornais da cidade do Recife publicaram notas e matérias sobre o evento grandioso. Porém, a propaganda do filme de inauguração Falcão dos Mares, estrelado por Gregory Peck e Virginia Mayo, nem sequer chamava atenção ou maior destaque nos periódicos, como geralmente é a propaganda de cinema dos dias atuais. Estava inserida de forma discreta em meio à representação visual de outros filmes anunciados na sessão que tratava sobre cinema, contida nesses periódicos.

A história, um drama-aventura, tratava-se de uma adaptação fiel do livro de C. S. Forrester sobre o capitão Horatio Hornblower da marinha inglesa durante as guerras napoleônicas.

O trabalho presente tem como fonte principal relatos de 20 pessoas que freqüentaram o cinema São Luiz, presenciaram sua grandiosidade e assistiram a seus filmes, em várias décadas, construindo uma forma de comportamento urbano, considerada teoricamente aqui como parte do processo civilizatório da cidade do Recife, fortemente iniciada depois da Segunda Guerra Mundial. O instrumento de pesquisa foi uma entrevista estruturada. O conteúdo das respostas foi analisado em cinco blocos: 1. Os filmes assistidos; 2. costumes de se vestir para ir ao cinema São Luiz e de nele se comportar; 3. Percepção da infraestrutura do cinema São Luiz; 4. Lugares de sociabilidade pós-cinema São Luiz; e 5. Perspectiva sobre os cinemas atuais de Shopping Centers. Foram cruzados dados de jornais da época publicados no Recife, tais como Diário da Noite, Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio. Todos os entrevistados assinaram termo de consentimento para gravação de suas respostas e publicação das informações pesquisadas. Apresentaremos alguns desses itens nos relatos do público do cinema São Luiz .

2. Paisagem Sociocultural do Recife nos Anos 50

Na década de 50 o Recife já era considerado uma metrópole, ao observarmos o seu centro da cidade. Porém, nos bairros residenciais, tais como Madalena, Boa Vista, Aflitos e Casa Amarela, o clima era bem provinciano. Os seus moradores no final da tarde colocavam as cadeiras na calçada e conversavam sobre amenidades até altas horas.⁴

A população dessa cidade em 1950 era pouco mais de meio milhão de habitantes, 512.370, por isso já considerada a terceira cidade do Brasil. Importante ressaltar que o Recife apresentava uma variedade de opções culturais e gastronômicas para uma insurgente classe média que vinha em busca de atividades que os bairros deslocados do centro não ofereciam. Destaque-se o cinema São Luiz, os restaurantes e sorveterias famosas; confeitarias e cafés onde se reuniam intelectuais, lugares de shows, casas noturnas e famosos cabarés para os boêmios, mesmo que com vida noturna pouco desenvolvida. Vejamos o conteúdo do texto abaixo que mostra esses aspectos da vida nos principais bairros do centro do Recife nos anos 50:

“Os dois bairros centrais - Santo Antônio e Recife- e uma parte da Boa Vista, concentravam atividade comercial e noturna. Ali ficavam o cinema São Luiz, o mais luxuoso do Brasil; os dois teatros de Alumínio: um na Dantas Barreto e o outro na Conde da Boa Vista; o Restaurante Leite, na Praça Joaquim Nabuco, onde se comia o melhor peixe no leite de coco do

⁴ Nosso Século 1945/1960. Abril Cultural, 1980. p. 168

país; o buraco da Otília, todo de madeira, debruçado sobre o Rio Capibaribe, na rua da Aurora; o Bar do Gregório, no Pátio de São Pedro, famoso por seu apimentado sarapatel; e a Festa da Mocidade, um enorme parque de diversões onde o grande acontecimento eram os shows de vedetes como Luz del Fuego e Anilza Leone. Na esquina da Sertã, no Savoy e no Café Lafayette, reuniam-se jornalistas, estudantes e intelectuais para as novidades do dia e o chope da tarde. A Cabana, com seu telhado de palha, no Parque 13 de Maio, era o bar dos artistas e músicos. Já para os menos boêmios, o forte eram as sorveterias, principalmente a do Gemba, no Cais José Mariano, e as duas Botijinha, uma na praça da Independência (famosa pracinha dos “comícios”), a outra na Matias de Albuquerque. A vida noturna era acanhada. Quase não existiam *bôites* e os boêmios grã-finos ou fraternizavam com a boêmia rasteira dos subúrbios ou tinham que esperar pelo sábado, quando podiam “acontecer” no Iacht Club ou no Internacional. Para a “boêmia rasteira” e a classe média (masculina, é claro) havia o Flutuante, barco transformado em bar, fundeado no rio Beberibe, nas proximidades da ponte Buarque de Macedo, em frente à Livraria Ramiro Costa; o Maxim’s, cabaré da pesada, na praia do Pina; e os muitos dancings do bairro do Recife, onde havia “prostitutas bonitas para a gente namorar”, como na Pasárgada de Manuel Bandeira. Eram as “raparigas”, algumas das quais falavam inglês, devido a constantes passagens de marinheiros norte-americanos.” (Nosso Século 1945/1960. Editora Abril. 1980. p. 168).

O centro da cidade do Recife era importante não apenas por seu urbanizado espaço de lazer que oferecia, mas também porque abrigava a vida pulsante estudantil conhecida no Brasil desde a segunda metade de século XIX. Segundo Antônio Rezende⁵, a importância da Faculdade de Direito assumida nacionalmente deveu-se à produção intelectual de professores e de alunos que por lá passaram. Também a Escola do Recife da qual participaram intelectuais reconhecidos em todo o Brasil, como Tobias Barreto, Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando, entre outros que atuaram no movimento abolicionista e republicano.

O mesmo autor relata que Recife prosseguiu historicamente na continuidade de sua efervescente vida cultural estudantil, ainda na luta contra o Estado Novo, através de sujeitos intelectualmente atuantes como Manuel Correia de Andrade, Odilon Ribeiro Coutinho, Paulo Rangel Moreira, José Inojosa de Andrade, Salviano Machado e outros que ficaram conhecidos como membros da geração de 45.

Sobre a tradição do papel político e cultural dos estudantes atuando no centro da cidade do Recife, Rezende afirma⁶ que isso é visível tanto nos anos 50 quanto na década de 60, até a retirada dessas faculdades, instaladas então no centro, para o bairro da Várzea, posteriormente, por ocasião da construção da cidade universitária. Foi, então, de fato que se sentiu a queda do poder dos estudantes desmobilizados.

⁵ REZENDE, Antônio Pulo. O Recife: histórias de uma cidade. 2 ed. Recife: Fundação de cultura Cidade do Recife: 2005. p. 126-127.

⁶ Ibidem, p. 127



A imprensa na década de 50 continuou refletindo tendências políticas além da expressividade plenamente cultural. O jornal O Recife se constituiu nesse estilo de abordagem clara, do debate político. Também apareceram ocupantes do espaço jornalístico de crônica cinematográfica, tais como Jomard Muniz de Britto, José de Souza Alencar, Paulo Fernando Craveiro, Alexandrino Rocha, Renata Cardoso, Jorge Abranches; devido à influência crescente do cinema na vida do recifense.

As transformações que a indústria do cinema imprimiu ao comportamento social dos indivíduos no Ocidente e, mais particularmente, aquelas mudanças provocadas pela existência de um cinema tão luxuoso quanto o São Luiz na cidade do Recife, na década de 50, podem ser compreendidas a partir da perspectiva do que Norbert Elias considera ser o processo civilizador ocorrido no ocidente.

Para Norbert Elias a característica fundamental do processo civilizador no contexto das sociedades moldadas pelo Estado-nação do mundo ocidental, e que se tornou visível principalmente com a existência da burguesia, é a redução dos contrastes entre situação financeira e códigos de conduta dos estratos mais altos e mais baixos. Características das classes baixas difundiram-se por todas as outras. Um sintoma disso foi o fato de que a sociedade ocidental como um todo, gradualmente se tornou uma sociedade em que se espera que todas as pessoas ganhem a vida através de um tipo altamente regulado de trabalho. Antes, o trabalho era uma característica apenas das classes mais baixas. Ao mesmo tempo, o que costumava ser peculiar às classes superiores também passou a se difundir pela sociedade como um todo. Nesse sentido, ao se analisar de perto um pequeno segmento de classe, as diferenças na estrutura da personalidade social entre as classes altas e baixas no Mundo Ocidental de hoje podem parecer ainda consideráveis.

Segundo ainda Elias, se for focalizada toda a amplitude do movimento ao longo dos séculos, nota-se que estão diminuindo os grandes contrastes de comportamento entre diferentes grupos sociais, assim como os contrastes e mudanças súbitas no comportamento do indivíduo. Exemplo disso seria a modelação das pulsões e sentimentos, as formas de conduta, toda a constituição psicológica das classes baixas nas sociedades civilizadas, com sua crescente importância em toda rede de funções, estão cada vez mais se aproximando das de outros grupos, começando pela classe média. Isso acontece, independentemente das autolimitações e tabus que permanecem operantes nestas últimas como mecanismo para se preservar; seja como produto do anseio de se distinguir ou do desejo de obter maior prestígio junto às classes mais altas.⁷

Mas então que modelo de estado-nação estaria se pautando o nosso, depois da II guerra mundial? Lutamos com os aliados. Ficamos do lado dos vencedores: os Estados Unidos. Durante o autoritarismo do Estado Novo (1937-1945), o próprio Getúlio Vargas que o constituiu, passou a apoiar o país que o mundo capitalista identificou como mais novo modelo de democracia. Então, objetivamente ele próprio teve de se posicionar ante o nazismo e fascismo, com os quais flertava e tinha simpatia, pelo menos até a guerra estourar em 1939.

Podemos afirmar que depois da II Guerra Mundial há indícios muito evidentes, apesar de rara pesquisa sociológica, da relação direta entre os comportamentos dos

⁷ ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2 vol. p. 211



brasileiros com as condutas padronizadas pelos americanos dos Estados Unidos da América, em termos de moda, consumo e afeição ao cinema.

A influência da II Guerra no Recife (1939-1945) e o posicionamento brasileiro diante dela em apoio aos aliados, ao que tudo indica, foi outro fator importante para alterar comportamentos socioculturais na cidade do Recife durante os anos 50. Usando os termos de Elias, afirmamos que o processo civilizador no Recife aproximou estratos baixos e médios dos mais altos, em espaços disputados de sociabilidade como o cinema São Luiz. Moldaram-se pulsões e sentimentos que constituíram um comportamento padronizado das “boas maneiras” para se apresentar coletivamente no espaço público.

Perspectiva não menos importante é a ampliação da sociabilidade que o cinema favoreceu aos públicos que o assistem, como lugar de encontros, de igualdades fictícias, de magia, de convenções e rituais sociais. Isso tudo pode ser observado em especial no cinema São Luiz da cidade do Recife, considerado o mais luxuoso do Brasil na época em que foi construído.

O sociólogo Georg Simmel apresenta uma definição do conceito de sociabilidade que utilizamos nessa pesquisa. Segundo esse autor, a interação entre os indivíduos em uma sociedade se dá a partir de certos impulsos ou em função de certos propósitos que acabam por obrigar os indivíduos a constituírem uma unidade. Simmel esclarece que o “conteúdo” ou “matéria” da sociação são esses impulsos, interesses, propósitos. Ou seja, tudo que movimenta o indivíduo e que o conduz à sociação com outros, mas que necessariamente não são elementos sociais mas “fatores de sociação”.

“São fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro – formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação. Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses”.⁸

A sociabilidade é a forma lúdica de interagir. A sociabilidade manifesta a dimensão simbólica da vida coletiva, o caráter convencional da vida social e uma tensão entre expectativas individuais do sujeito e a objetividade real dos acontecimentos que lhes esperam; ou, que perpassam esses momentos de sociabilidade.

3. O cinema São Luiz lembrado por seu público

Neste item passamos a demonstrar os depoimentos dos entrevistados da pesquisa que assistiram filmes no cinema São Luiz em variadas gerações.

Segundo relatos, ir ao cinema São Luiz significava motivo de alegria; possibilidade de se reunir antecipadamente com irmãos, namorado(a), ou amigos. O grupo também podia marcar para se encontrar com outro(s) lá, na calçada ou entrada do cinema. Dirigir-se para lá, também era como ir a um local que dava passagem para outras diversões existentes no centro do Recife. Para outros, representava um acontecimento muito especial: o de simplesmente ir ao São Luiz. Isso por si só já era um processo de “magia” que se quebrava apenas na volta para casa, para se “cair na real”. Havia até expectativa exagerada também, principalmente quando se ia para cinema tão luxuoso escondido.

⁸ SIMMEL, Georg. Sociologia. São Paulo, Ática, 1983. p. 165



“ Era um processo muito cheio de surpresa, porque eu ia escondido de meus pais. Tinha muita expectativa, tinha muita vontade porque era um cinema muito bom. Normalmente os melhores filmes da cidade eram passados no São Luiz e (lá) era o encontro de toda sociedade. Só tinha condições de ir ao cinema São Luiz aquelas pessoas que tinham condições de pagar. Eu tinha condições de pagar porque eu já trabalhava, mas mesmo assim eu devia explicações para ir para o São Luiz sozinha, porque normalmente eu ia sozinha.” (Josenaide, 57 anos. Professora, público do São Luiz nos anos 70)

“ Naquela época não eram muitas as opções de diversão. Nunca fui a um dos chamados cinemas “de bairro”. Quando ia assistir a um filme, era sempre nos “cinemas da cidade”, isto é, do centro da cidade; entre eles, é claro, o São Luiz. O programa todo era um “acontecimento”. Confesso que, no meu caso, não ocorria com muita frequência, o que só aumentava o caráter especial de cada oportunidade. Entrar no cinema significava deixar para trás a realidade, entrar em um mundo completamente diferente, perder-se naquela atmosfera de sonho. Sair do cinema era quase literalmente, “cair no mundo real”: recordo que custava a me acomodar à agitação das ruas – o prédio do São Luiz dava (como ainda dá) para um dos cruzamentos mais movimentados da cidade”. (Fanuel, 51 anos. Professor universitário, público do São Luiz no final dos anos 60 e anos 70).

3.1 Colocações sobre o que era o cinema São Luiz e os filmes que se recordam de ter assistido:

O relato sobre o luxo é o que mais nos chama atenção no discurso dos entrevistados em suas recordações sobre o cinema São Luiz. Também há referências à grandiosidade da estrutura. Limpeza do ambiente; banheiro com espelho sofisticado onde se costumava até tirar fotografia; brilho das portas em tom dourado; cortinas vermelhas; vitrais acesos no escuro, etc. Vários filmes foram citados pelos entrevistados, e o que se percebe é a diversidade de nacionalidade das películas passadas no cine São Luiz. Passavam-se filmes italianos, alemães, franceses e estadunidenses. Rigor na fiscalização da idade permitida para assistir aos filmes e observação no comportamento dos namorados também era algo que se fazia presente, segundo os discursos.

“ Era muito chic. O melhor de todos existentes na época. Pobres não entravam. Havia funcionários de fardas bonitas e fiscais para verificar se o nível de censura exigido pelo filme estava sendo obedecido. (...) Assisti E o vento Levo, Adeus às Armas. Existiam muitos filmes europeus -italianos, franceses, alemães-. Mas os estadunidenses já estavam começando a emplacar com o tal Oscar e tudo o mais.” (Sineide, 64 anos. Professora de História, público do São Luiz nos anos 50)

“A estrutura dele (o São Luiz) era enorme, com poltronas, cortinas. Era dividido na sala de entrada, na parte de baixo e de cima. Ele era um dos melhores, um cinema de primeira linha. (...) Já assisti muitos filmes no São Luiz. Como o Candelabro Italiano, E O Vento Levou, aqueles filmes da época” . (Arnaldo Correia, 89 anos. Aposentado, público do São Luiz nos anos 50)

“O São Luiz era lotado, o povo arrudiava o cinema, tinha que sair cedo de casa, pois senão, perdia-se a sessão. As filas enormes, a bilheteria para poder passar. Sé entrava maior de idade. Tinha pessoas vendendo pipoca, confeito. A estrutura era muito boa, o salão enorme. Tinha o rapaz que andava pelo cinema, olhando parta ver se tinha



alguém passando dos limites. Era muito bom ir ao São Luiz. (...) não me lembro bem dos filmes, mas eu gostava de romance. Lembro apenas de Os Embalos de Sábado à Noite, com John Travolta, pois tinha aquelas roupas e a gente queria imitar”. (Zilda Rebocho, 49 anos. Auxiliar do Lar, público do São Luiz nos anos 70)

“Me lembro que era um cinema bom, era um cinema comentado pelo povo como o melhor cinema da cidade e era muita gente que ia. Quando tinha assim um filme em lançamento era gente pra caramba, o mais falado era ele. A estrutura era boa, a sala grande com cadeiras confortáveis, o som, a imagem, tudo era bom. (...) Assisti o dos Trapalhões; País dos macacos; Os primeiros habitantes da terra, os primatas. Esses dois últimos eram filmes muito interessantes, que mostravam eles agindo como seres humanos mesmo, que faziam coisas que você nem acreditava, para se defender.” (Dervaldo, 49 anos. Pedreiro; público do São Luiz nos anos 70 e início dos anos 80)

“Muito chic, o banheiro muito bonito, o pessoal gostava de tirar foto porque tinha um espelho bonito, uma decoração bem antiga, bem sofisticada. Tinha uma bomboniere na entrada. Era bem arrumadinha, a pessoa que atendia era bem vestida, parecia coisa de filme mesmo. Era muito bonito, muito elegante, ninguém ia para o cinema de chinelo, ou de bermuda. Todo mundo ia arrumado. A tela era grande, era tudo muito bonito. O filme que marcou muito foi com Júlia Andrews, A Noviça Rebelde, que foi um filme que gostei muito. Dio como eu te amo. Quando (Adelaide Galvão, 55 anos. Contadora, público do São Luiz nos anos 70 e 80)

“O cinema São Luiz foi um cinema que trouxe para nossa sociedade essencialmente jovem, algumas novidades para mim que era um estudante de arte. Eu via o cinema São Luiz com seus florões laterais como uma tela. Quando se apagavam as luzes você via um de seus florões do lado direito e do lado esquerdo da tela”.

3.2 Padrões de comportamento e costumes de se vestir

Para ir ao cinema São Luiz não se usava qualquer roupa, mas a melhor vestimenta. Muito distinta era a moda para os sexos masculino e feminino. A calça comprida apesar de ser usada por mulheres mesmo nos anos 70, não era algo comum de ser visto, quando se ia ao cinema São Luiz. Vestidos dominaram a década de 50, por sua vez, para se ir ao cinema. Eram bem armados pela quantidade de saias que o sustentavam, como são lembrados nos relatos. Os penteados usados pelas mulheres eram complicados e bem produzidos até os anos 70 também.

Quanto aos costumes e comportamentos nem sempre se procurava seguir um padrão de imitação. Alguns somente queriam assistir a um filme passado no São Luiz. Mas se admite eu o cinema São Luiz trouxe modismos de costumes. Como os de paquerar defronte do cinema, por exemplo, pois havia um entorno próximo a ele, que era a calçada para o rio. Esta favorecia o aglomerado de rapazes e moças desfilando e flertando por aquele tipo de corredor.

“As moças se vestiam de saia comprida. Teve época que era Mid, que era a saia nomeio da canela e o pessoal usava o bolero. (Eu) gostava de usar bolero. Calça comprida quase nunca o pessoal usava. Era mais vestido. Na época não existia muita calça jeans não. Os homens que tinham mais condição na época tinham a marca Lee. Era o jeans da época. E tinha a Mcqueen que foi depois. Começou depois da calça Lee, mas não era todo mundo que tinha não, porque era uma coisa cara na época, então, mas era tudo arrumado. Salto alto. Todo mundo muito arrumadinho. Ninguém saia



desarrumado como hoje agente sai de chinelo”. (Adelaide Galvão, 55 anos. Contadora, público do São Luiz nos anos 70 e 80)

“Com aqueles vestidos cheios de anáguas. (...) Vestido aparecendo a beirada da anágua na beiradinha da saia, e geralmente as mocinhas mais jovens eram meia soquete e saltinho. A rapaziada mais pra frente que usava uma calça Lyca importada. Tinha aqui no comércio. Às vezes um sapato tênis. (...) As meninas sempre com aqueles vestidos. Às vezes uma ou outra botava aquela manguinha balão na altura do bíceps. E enfim, era vestido inteiro com babadozinho na gola e muita, muita anágua. Um traje comum para um dia de São Luiz”. (Jacques Weyne, 75 anos. Artista Plástico, público do São Luiz nos anos 50)

“O cinema (São Luiz) era como um hábito (para ir) a um encontro de paquera que antigamente não existia. O cinema São Luiz lançou essa idéia porque tinha espaço parar isso. Tinha clima para isso, como já disse. Tinha na beira do rio uma rapaziada que ficava vendo as meninas que passavam, ou as filas que se faziam para compra de ingressos. Isso tudo era uma forma de relacionamento, que não tinha nos outros cinemas e o São Luiz veio lançar isso como novidade” (Jacques Weyne, 75 anos. Artista plástico, público do São Luiz nos anos 50)

“Vestiam-se com calça boca sino, sapato cavalo de aço (os homens). Tamanco de Carmem Miranda (o modelo) tipo Anabela, muito alto (no caso as mulheres). Poucas mulheres de calça. Era mais vestido. O cabelo era muito penteado, muito trabalhado com coque muito produzido.” (Josenaide Barreto, 57 anos. Professora, público do São Luiz nos anos 70)

“Elas caprichavam na aparência quando iam ao cinema, as mulheres vestiam sua melhor roupa e se arrumavam: sapato bonito, limpo, fechado. Os homens de camisa social, calça, sapato de couro, tudo bem arrumado. Ninguém ia pro cinema de bermuda, de calça jeans, de camiseta, de sandália de dedo não. Isso não existia”.(Jozenilda Moura, 64 anos. Médica, foi público do São Luiz entre os anos 1965 a 1970)

“Na beca (como as pessoas se vestiam). Só roupa bacana. Era um bom atrativo. Valia apenas se vestir bem. Era mais calça para mulheres e homens na época da moda do jeans, era novidade. Tudo jeans: jaqueta e calça.”(Paulo Henrique, 41 anos. Cobrador de ônibus, foi público do São Luiz no final dos anos 70).

“O cinema sempre influenciou muito (os costumes). A moda do cigarro antigamente é um exemplo. Mas para mim não teve muita influência. (Paulo Henrique, 41 anos. Cobrador de ônibus, público do São Luiz no final dos anos 70)

Ir ao cinema São Luiz era imitar padrões de beleza: “ (...) queríamos imitar as roupas, saias godês, os saltos, os cabelos (modelo de penteados), tudo...Eu fazia os pentedos dos filmes nas minhas amigas e as pessoas gostavam muito”. (Wildes Pinho, 59 anos. Artista plástica, público do São Luiz na década de 70)

“Infelizmente esse não é um aspecto do comportamento das pessoas a que presto muita atenção (trata-se da vestimenta das pessoas). Menos ainda naquela época. Mas recordo que, em geral, a ida ao cinema era um programa que exigia certo cuidado com a escolha da roupa. Quando ia com alguma de minhas irmãs, percebia o tempo que tomavam ao se prepararem. O período a que me refiro abrangeu muitas mudanças (e radicais) na moda. Como os cinemas eram o lugar privilegiado para encontros, eram também um lugar em que as transformações na moda ganhavam visibilidade”.



(Fanuel, 51 anos. Professor universitário, público do São Luiz no final da década de 60 e anos 70)

3.3 Lugares de sociabilidade pós-cinema São Luiz

Ao analisarmos os discursos sobre os lugares que o público do cinema São Luiz poderia frequentar após a saída do cinema, observa-se que há um roteiro sentimental, como diria Gilberto Freyre, prazeroso de se visitar ou percorrer, seja pela classe média ou por indivíduos menos aquinhoados no bolso. A diversão muitas vezes estava na ida às Praças do Recife, nas quais somente se pagava alguma coisa aos vendedores de pipoca, algodão doce, maçã do amor (aquela com caramelo na cor vermelho vivo) ou pirulito (aquele enfiado numa tábua furada). Da parte de outros, o cinema representava a oportunidade de ir até a praça beira rio (defronte do cinema) para paquerar. Ou ir até as sorverias Botijinha e a do Gemba (o japonês) na própria rua da Aurora. Também a restaurantes e lanchonetes próximo da Praça do Diário. Tudo no próprio centro da cidade.

De fato a sociabilidade favorecida pelo cinema São Luiz representa o lado lúdico do centro do Recife, vivenciado por gerações que não dispunham de Shopping Center e que se recordam com extraordinária afetividade o passeio pelos lugares que frequentavam.

“A sorveteria Gemba de japoneses (ia depois do cinema). O dinheiro nosso só dava para isso.” (Sineide Henrique, 64 anos. Professora de História, público do São Luiz nos anos 50).

“A Praça 13 de Maio, depois do São Luiz, tinha-se feirinhas típicas em cada bairro tinha a sua. As Lojas Americanas que agente gostava de lanchar (refere-se à da rua do Hospício). Geralmente as pessoas ficavam andando, desciam e iam para a Praça do Diário. Sempre havia sorveterias perto do cinema São Luiz.” (Zilda Rebocho, 49 anos. Auxiliar d Lar, público do São Luiz nos anos 70).

“A Praça do Diário, pois era bonita, divertida e tinha muita gente, era organizada. Atrás do Diário havia uma padaria–lanchonete na qual a gente lanchava. Tinha restaurantes e barzinhos.” (Dervaldo Pereira, 49 anos. Pedreiro, público do São Luiz no fim dos anos 70 e início dos 80)

“Tinha uma sorveteria lá na Ilha do Leite que depois todo mundo ia para lá. Ainda existe e a matriz dela era em Olinda, mas também eu não lembro o nome dela. Tinha batata frita e tinha sorveteria. A praça de Santa Cruz. Essa praça tinha uma fonte muito bonita, banquinhos, e passava o cara vendendo (coisas). Tinha um pessoal que vendia pipoca, algodão de açúcar, rolete de cana de açúcar e a maçã do amor. O vendedor apitava com o apitinho pra vender doce japonês. Com aquele doce a gente tirava as obturações do dente tudo, porque vendia num papelzinho 50 centavos aí ele colocava um pedacinho de goiaba, coco... era uma delícia. Eu acabei com minhas restaurações. Tinha pirulito só que não era desses de hoje não . Era um pirulito comprido e assim você ia comendo. Também tinha o amendoim torrado. A gente ficava ali na praça e vamos dizer que o filme fosse às duas horas (14 horas), o pessoal almoçava (pelo centro mesmo) e ia pro filme. Isso o pessoal mais jovem, porque o povo chic mesmo ia pro cinema de noite. Mas o povo mais jovem, os estudantes, que era



meu caso que não era chic, ia pra primeira sessão. Também tinha a matinê de manhã (trata-se dos domingos), mas eu sempre ia na primeira sessão da tarde, assistir um filme e depois ia para praça, porque depois ia assistir a missa. Vamos dizer que a missa fosse às seis e meia (18h e 30) então depois eu ia para casa. Tinha também, na época, um passeio no rio só que não cheguei a ir não, pois eu tinha medo. Mas era muito bonito. Muito romântico. O cinema e o Teatro Santa Isabel eram as duas coisas que só ia gente que tinha dinheiro (trata-se de rendas e não do pagamento do ingresso). Ninguém ia pro cinema sem ter dinheiro não, porque passava vergonha de ir desarrumado. Eu me lembro que minha melhor roupa eu estreava lá no São Luiz.” (Adelaide Galvão, 55 anos. Contadora, público do cinema São Luiz nos anos 70 e 80)

“Geralmente costumava ir ao restaurante após a saída do cinema ou até antes do cinema. Ou ir nas praças, como a Praça 13 de Maio, que não era muito bem freqüentada, ou na Praça Joaquim Nabuco. O lugar de paquera, na época, era o jardim beira rio do próprio cinema, onde tinha aquele desfilar de jovens. E as mocinhas...às vezes três, quatro mocinhas de braços dados uma com a outra, contando coisas da vida delas e principalmente olhando a rapaziada que passava. E a rapaziada sentada ali naquela beirada de rio a ver as mocinhas que desfilavam, e às vezes eram eles mesmos que iam desfilar. Então, essa era a paquera que se chamava o “ jardim do quem me quer”. (Jacques Weyne, 75 anos. Artista plástico, público do cinema São Luiz nos anos 50).

“O Bar Savoy, na Avenida Guararapes, era ponto de encontro dos intelectuais, de artistas. A Livraria Livro Sete, na rua 7 de Setembro; a Praça Maciel Pinheiro; a Praça Sérgio Loreto; a Praça do Santa Isabel e a do Parque.” (Josenaide Barreto, 57 anos. Professora, público do cinema São Luiz nos anos 70)

“Existia a Sorveteria Peróla, que era um local muito bem freqüentado na época. Existia também um cabeleireiro chamado Alex que era freqüentado pela elite. Quem tinha dinheiro ia par lá. O Bar Savoy que ficava na Avenida Guararapes, era o reduto dos intelectuais da época. A Sorveteria Gamba, que ficava na própria rua da Aurora perto do cinema São Luiz. A Casa Sloper que tina coisas muito finas para a época. Vendia sapatos, bolsa, vestido, bijuteria, cristais e etc. Também as lojas Mesbla que a gente hoje poderia chamar de uma loja de departamentos, vendia tudo; roupa, eletrodoméstico, utilidades pro lar. Tinha a Loja Viana Leal que ficava defrente à Mesbla. Foi a primeira loja em Recife a ter escada rolante. Tinha lojas que vendiam artigos de armarinho como a Floresta, a Nova Magnólia. Tinha a Casa Mattos que vendia tecidos muito finos e tinha um chá delicioso. Tinha a Drops Ducora na saída do cinema São Luiz. E, Lojas Etan, onde se vendia langerie.” (Josenilda Moura, 64 anos. Médica, público do cinema São Luiz entre 1965 e 1970).

4. Considerações Finais

Da existência do cinema São Luiz desde 1952 até o seu fechamento oficial em 2006, percorremos um trajeto de transformações dos costumes que se agregavam ao “ir ao cinema”, em função de mudanças da paisagem econômica da própria cidade do Recife. Algo que se pode inferir das palavras do público que o freqüentava. Construir um mosaico sobre isso é complexo, mas é possível a partir das possibilidades de se unir metodologias qualitativas cada vez mais uma quantidade significativa de entrevistas. Ou seja, fazer desse material qualitativo algo mais intenso, mais contínuo baseado numa



rede maior de indivíduos que venham a responder sobre costumes e sociabilidades de sua geração entrelaçada ao cinema São Luiz, é proposta que permanece ao fim desse trabalho.

Do ponto de vista da pesquisa não menos importante continua sendo a consulta aos jornais da época como referência legítima sobre uma época, retratando o *modus vivendi* da cidade do Recife e de seus habitantes. As matérias tão elaboradas para abordar a inauguração do cinema mais luxuoso do Brasil.

Finalmente, as entrevistas em si revelam o desejo das pessoas de falar do cinema São Luiz como lugar de “bons tempos”. Mostram uma vontade de falar sobre aquele lugar que mais não existe porque o centro da cidade na é mais local de compras passível de segurança ou tão diverso como o Shopping Center. Esse parece ser o divisor de águas que realmente separa o antes e o depois na existência do cinema São Luiz e de toda vida social que convergia os indivíduos para o centro do Recife na busca do lado lúdico desta cidade.

Referências

- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. 2 vol.
- CABRAL, José Neves. Algo mais sobre a II Guerra no Recife. *Algo Mais*. Recife, Ano 6, No. 62, 6 de maio de 2011, p. 25-27.
- NOSSO SÉCULO 1945/1960. Editora Abril, 1980.
- SIMMEL, George. *Sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.
- REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. 2 ed. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2005.